



LITERATURA E TEATRO NAS AULAS DE HISTORIA: A BEATA MARIA DO EGITO E A “REPÚBLICA DA ESPADA”.

Severino Felix Coutinho Junior

Universidade Federal de Campina Grande – dvidtalbat@hotmail.com

Noaldo Cardozo Dias

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – noaldocardozo96@hotmail.com

Andréa Cristina do Nascimento Monteiro Souto

Instituto Superior de Educação São Judas Tadeu –Andreamonteio@hotmail.com

Lucicleia

Universidade Vale do Acaraú - lulety_bombom@hotmail.com

RESUMO

Palavras chaves: Literatura;Teatro e Ensino de historia.

O presente trabalho toma como base umas da peças teatrais da escritora Rachel de Queiroz para discutir o universo histórico da primeira republica.A Beata Maria do Egito publicada em 1958 por Rachel segundo a própria autora nasceu através das memórias e lembranças da mesma quando menina que lia no “Flos Sanctorum” da avó as famosas historias de santos e mártires. Ao mesmo tempo somos convidados a mergulharmos em um universo histórico recriado pela escritora tão comum ao período da republica da espada, onde levantes populares e revoltas tomaram conta do Brasil. E assim percebe claramente em seu texto, ideias que povoaram o universo histórico e político da época como: As revoltas populares, as oligarquias e o coronelismo, juntamente com os movimentos populares e messiânicos, suas relações de poder, como também as ações política das famílias(oligarquias e coronelismo) em seu papel de construção do domínio político local. Através de seus personagem a autora discute com clareza e bastante realismo em seus diálogos fê e política, o sertão nordestino com a seca, o cangaço, o fanatismo e seus beatos,e nos conduz pela fraqueza e pela força desempenhada por cada um deles na trama a invadirmos esse universo político de conchavos e acordos firmados, de tensões tão própria da época .

ABSTRACT

Key words: Literature, theater and history teaching.

This paper takes as a basis the plays of Rachel de Queiroz writer to discuss the historical universe of the first republica.A Blessed Mary of Egypt



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

published in 1958 by Rachel according to the author herself was born through the memories and memories of that as a child he read the "Flos Sanctorum" Grandma's famous stories of saints and martyrs. At the same time we are invited to immerse ourselves in a historical universe recreated by the writer as common to the republic period of the sword, where popular uprisings and revolts have taken over Brazil. And so clearly perceived in his text, ideas that populated the historical and political universe of the time like: The popular uprisings, oligarchies and colonels, along with the popular movements and messianic, their power relations, as well as political actions of families (oligarchies and colonels) in his role of the local political field construction. Through his character the author discusses with clarity and enough realism in their faith and political dialogues, the northeastern backlands with drought, banditry, fanaticism and its beatified, and leads us by the weakness and strength played by each of them in the plot to invade this political universe of conspiracies and agreements signed, tensions so typical of the time.

INTRODUÇÃO

“enquanto está no papel, a peça é apenas a largata, quando muito a crisálida. Só vai criar asas e cores, tomar forma força e voo e enfrentar a luz, depois que o palco a transforma em borboleta”. (Rachel de Queiroz)

A epígrafe que utilizamos para iniciar o texto ressalta um aspecto muito peculiar não apenas dos textos teatrais e dramáticos como também literários, já que em quanto estão em produção na mão de seus escritores essas obra ganham vidas, claro pelos personagens e cenários, mais não tanta força e luta quando estão em contato com o público em geral e nas mãos de leitores. Rachel de Queiroz por sua vez em suas obras usa uma escrita muito próxima da oralidade da região nordeste do Brasil. O que determina e imprimi um caráter bastante regional a seus textos, relacionando-se dessa forma na sua escrita não apenas ao Brasil mais dando vida e forma através da palavra à terra nordestina buscando lá, no sertão, a inspiração para construir cenários, enredos e personagens que vão povoar o imaginário dos leitores e, com isso, resgatar a cultura nordestina em todos os gêneros textuais com os quais trabalhou e, em todos, discutindo as questões não apenas sociais de sua região como também de gênero destacando um olhar peculiar e curioso que inovou e modificou a escrita feminina no Brasil.

Suas obras literárias ainda guarda outras peculiaridades dentre elas a reconstrução de todo o universo histórico e social de uma determinada época e região da qual o enredo se propõem a contar, como também a vida que envolvem os seus personagem especialmente quando se trata de suas personagens feminina que na maioria de seus romances no ceio de sua escrita carregam em si o fatalismo e a ausência de um final feliz. Os anseios, as buscas, e a conquista não apenas da liberdade pela voz e pelas letras ou pelas armas impõe a maioria de suas personagens um mundo cercado pela solidão



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

,asperezas e angustias proporcionado em muitos casos pelo próprio mundo que habitam. Não existe muita escola, a liberdade de auto determinar-se encontra-se presa e exige delas um sacrifício comum que perdurou durante muito tempo nessa região da construção e na constituição da família e da maternidade são esses o maior preço que suas personagens pagam pela rebeldia.

As duas peças de teatro que se destacam dentro de escritos, de seus romances e das milhares de crônicas que Rachel de Queiroz escreveu tem como marco em seu enredo o nordeste, especialmente o sertão e todo o universo místico e histórico que o cerca, e que tanto lhe foi familiar e a mesma se fez conhecedora daquilo tudo que a própria autora vivera quando criança tão bem e explorado em temas ao gosto do povo nordestino. Entre eles : o cangaço e o fanatismo religioso. São elas: A primeira, *Lampião* (1953), a segunda A Beata Maria do Egito (1958) fonte principal de nossa pesquisa que tratam ambas do mundo do cangaço e dos beatos, resgatados da memória coletiva do homem sertanejo.

É evidentes que nos últimos anos, no âmbito dos estudos acadêmicos (sobretudo nas áreas das Ciências Sociais e da História) ouve um crescente interesse pelas pesquisas acerca do mundo da literatura , tal como ele se apresenta e revela no registro histórico e também na sua representação ou não do passado e como esses aspectos pode ser percebidos e captado, fragmentariamente, na leitura do passado ou do presente. Essas pesquisas vêm se multiplicando, empenhadas principalmente em revelar e compreender como os homens e também as mulheres que até então encontravam se esquecida entendiam o seu tempo, pensavam e diziam a respeito deles próprios, em muito dos casos contrariando ou não a visão que se tinha de uma sociedade dominante, bem como também o que essa sociedade pensava ou exigia dessas pessoas.

Sendo assim não é difícil de compreendermos que as obras literárias nas mais diversas formas pela quais elas nos são apresentadas são relatos e expressões tanto do seu tempo, da qual foram produzidas como também podem se tornar grande fonte de conhecimento e objeto de estudos nas mão de pesquisadores professores e alunos.

A matéria-prima da Arte é a própria vida. O escritor capta o mundo como se tivesse antenas. Transmite, comunica e ajuda o leitor a conhecer o outro melhor: sobre o amor, o ódio, a fome, a guerra, a morte.

O artista fantasia, imagina e elabora uma outra realidade. Ele imita a realidade, mas a devolve, na obra, como se fosse nova.

Para o filósofo grego Aristóteles (384 a 322 a.c), imitar, representa, criar imagens é natural ao ser humano, é uma forma de experimentar o universo. A literatura é um jeito de imitar a vida por meio de palavras arrumadas de modo tal que forme uma supra-realidade, isto é, uma realidade paralela ao ambiente que foi



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

imitado¹.

Essa realidade paralela e o jeito de imitar a vida nada mais são do que o desenrolar dos personagens em suas lutas, dentro da narrativa em suas situações, contextos e diálogos. Assim como Aristóteles é majestosamente citado, Castoriades também vê que o conhecimento é um labirinto de enigmas. Mas o que faz a essência do homem precisamente é a imaginação criadora. Essa arte de recriar os mais diversos mundos vividos e elaborar as mais diversas condições das quais o homem passou, viveu, é desenrolada pela literatura, que faz uma viagem ao passado trazendo plenamente em alguns casos, recriando, imitando, contando os mais diversos acontecimentos, mundos e feitos ilustrados em suas obras.

Basta um primeiro contato com a literatura para termos a ideia de que suas obras são, diferentes, não apenas pelo autor e pela época, mas também pelo conteúdo e forma. Os Lusíadas é um longo poema heróico ou épico, com seus "cantos" constituídos por algumas dezenas de estrofes de oito versos ou oitavas; a Canção do Exílio de Gonçalves Dias é um pequeno poema, subjetivo ou lírico; Gabriela, Cravo e Canela, de Jorge Amado, é uma longa narrativa, romanesca e de fundo histórico; e O pagador de promessas, de Dias Gomes, é uma obra escrita para ser representada, e daí ter uma estrutura teatral. Partindo da ideia de que as obras são diferentes no conteúdo e na forma, não é difícil chegarmos à conclusão de que tais elementos, se de um lado as distinguem, de outro não impedem que se assemelhem a outras, com mesmo tipo de conteúdo e de forma, e venham a constituir com elas um grupo, com determinadas afinidades entre seus elementos².

Elementos que quando analisados, vistos com um olhar aguçado é possível transformá-los numa perspectiva metodológica e utilizá-las didaticamente no âmbito escolar. Sendo levados diretamente ao encontro do alunado de acordo com o conteúdo ministrado ou através de eixos temáticos tão difundidos e divulgados como um grande aliado ao educador pelos PCN's.

A literatura, como qualquer outra forma ou outra fonte de conhecimento, é um relato, um testemunho de sua época. Temos como exemplo a nossa literatura e o mundo dos nossos escritores brasileiros que foram utilizados como um caminho possível para a recuperação da nossa história a partir do período imperial. Não podemos esquecer a literatura contemporânea, como exemplo dela temos as crônicas publicadas diariamente pelos jornais, que podem ser utilizados para uma maior compreensão do momento histórico. Não tendo apenas uma representação, uma versão do presente, mas como uma captação dos movimentos, das transformações cotidianas, uma antecipação do rumo da sociedade.

¹ CAMPEDELLI, Samira Yourseff, Doutora em letras pela USP professora de língua portuguesa na escola de comunicação e Artes – USP.

² AMORA, Antonio Soares. Introdução à Teoria da Literatura. São Paulo: Clássico científico, 1964. (83) 3322.3222



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

No gênero ficção, as leituras das obras escritas em tempo diversos podem e devem ser moldados e transformados em instrumentos importantes no aprendizado e na elaboração do conhecimento e do saber. Assim como qualquer outra fonte a literatura ficcional nos possibilita uma reconstituição de vários elementos que interessam à história, encontrados dentro dos seus mais diversos gêneros: romance, conto, crônicas, poesias. São eles:

1. Costumes das sociedades representadas, seu cotidiano e modo de vida em vida em geral;
2. A inserção social e análise do papel desempenhado dos personagens;
3. Relações sociais, familiares, do poder, dos preconceitos, da política, etc.
4. Enfim o contexto no qual se desenvolve e se passa a história.

Ao recomendar um livro ou um trecho, o educador precisa tê-lo lido, considerando as necessidades de contextualização do livro junto ao trabalho desenvolvido com os educandos. É conveniente nessa análise considerar o autor, atentando para o recorte da realidade que foi utilizado, se fez seleções e a observou-as sob um determinado ângulo. Isso nos possibilitará reconhecer e analisar o lugar social de quem a produziu e quais pontos podem ser utilizados.

Devemos atentar também sobre a forma de narrativa, observando os diálogos, as legendas e as falas. Esses recursos nos revelam as mais diversas formas e maneiras de se contar uma história. Que pode ser enriquecido por algumas indagações:

- ✓ Época em que se desenvolveu; quais imagens foram construídas pelo autor sobre as questões e temas abordados no decorrer da obra?
- ✓ Como as experiências são vivenciadas pelas personagens? Que valores eles expressam?
- ✓ Atentar para os elementos mais significativos demonstrados tais como: os conflitos são narrados e de qual perspectiva?
- ✓ Como é elaborada e abordada a temporalidade? As relações e aspectos como cenários e pessoas através das experiências dos personagens? (vestuário, costumes, modo de falar, alimentação, casas, ruas, paisagens, cidades, edificações variadas, etc.)
- ✓ Qual as versões ou compromisso desempenhados pelos personagens e grupos sociais? E quanto ao seu caráter: compromisso ou denúncia?

A Primeira Republica em a Beata Maria do Egito de Rachel de Queiroz

A Beata Maria do Egito publicada em 1958 por Rachel de Queiroz segundo a própria autora nasceu através das memórias e lembranças da mesma quando menina que lia no “Flos Sanctorum” da avó as famosas historias de santos e mártires. Esses dicionários com as vidas dos santos tinham como objetivo catequizar através dos



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

exemplos de vidas dos mesmos. “A Beata Maria do Egito, peça teatral por Rachel depois de confessar ter sua estória baseada em uma lenda cristã – Santa Maria Egípcíaca – que sempre lhe invocara e que, depois de ter sido feita balada por Manoel Bandeira, lhe aguçaram e a fascinaram tanto que se sentiu impelida a escrever”(COUTINHO,2009,P.36).Debruçadas nessa leitura eis que Rachel encontrou a historia dessa religiosa que vendeu o próprio corpo para assim conquistar a sua liberdade. Alertada por sua avó que devemos venerar e não imitar alguns santos, Rachel foi capaz de recriar aquilo que leu e tendo por base todo o universo de lutas e perseguições aqui no nordeste ambientou sua obra e criou sua personagem. Maria do Egito espécie de beata jovem mulher tão comum no universo sertanejo e nordestino nem sempre bonita e nem sempre tão jovem, mais disposta a ir a lutas por causas religiosas.

Segundo Angela Harumi Tamaru professora de literatura brasileira não resta duvida: “Observe como a personagem, a Beata ela é inspirada nas prostitutas sagradas na santa Maria egípcia. Que se deitava com homem passantes para pegar aquele dinheiro e levarem pra ordem, da qual elas faziam parte como uma forma de dedicação mesmo a espiritualidade. Que é uma coisa bastante complicada para nosso mundo, pequeno e separado de hoje. Que separa a prostituição da questão sagrada”(HARUMI,2015).Assim conhecedora do universo do famoso Padre Cícero e criada em um ambiente extremamente religioso apesar de declarar ser uma pessoa sem fé: “infelizmente não tenho fé, não tenho orgulho disso tenho ate vergonha. Confesso com tristeza. Não tenho fé, gostaria de ter” (MEMORIA POLITICA, TV CAMERA, 2003). Mesmo assim, foi capaz de mergulhar na historia e trazer a tona em sua peça todo o universo não apenas de fé mais de conflitos e lutas que marcaram o inicio do período republicano aqui no Brasil.

Dessa forma somos conduzido a um cela de cadeia do interior do nordeste em meados de 1913, cenários este tão familiar a escritora desde suas pesquisas para construção de outros personagens de suas obras tais como João Miguel(1932) e conhecemos a Beata Maria do Egito. Somos convidados a mergulharmos em um universo histórico recriado pela escritora tão comum ao período da primeira republica onde levantes populares e revoltas tomaram conta do Brasil e assim percebe claramente em seu texto, ideias que povoaram o universo histórico da época como: As revoltas populares, as oligarquias e o coronelismo, juntamente com os movimentos messiânicos e o cangaço.

“Os diálogos entre o Tenente, o cabo Lucas, e um pouco adiante, o Coronel Lopes se tornam verdadeiras fontes de informações históricas sobre o contexto sócio –político e econômico vigente no Brasil. Em uma mistura de ficção e realidade, de revoltas e prazer, a autora vai desenhando o cenário



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

no qual passamos a interagir, dada a linguagem e tessitura dos fatos narrados, (...)”.(COUTINHO,2009,p.37)

Através de seus personagens a autora discute com clareza e bastante realismo em seus diálogos fé e política, o sertão nordestino com a seca, o cangaço, o fanatismo e seus beatos, e nos conduz pela fraqueza e pela força desempenhada por cada um deles na trama a invadirmos esse universo de tensões tão própria da época.

Religiosidade e Messianismo

Os beatos tiveram um papel relevante na vida do Padre Cícero em quanto ele ainda era apenas um religioso e padre querido e ainda não havia se dedicado a política. Apesar de inúmeros milagres serem atribuídos a ele, ser considerado até hoje pela maioria dos sertanejos e nordestinos com santo aos olhos do povo e não de sua igreja o padre também desenvolvera outras funções não religiosas. Em quanto político em 1911 já afastados de suas funções eclesiásticas conseguiu a independência política do Juazeiro do Norte e tornou-se prefeito da cidade e em seguida foi deposto pelo presidente do Ceará o coronel Franco Rabelo.

A peça se passa, tem início em meados de 1913 e tem como base a revolta popular que apoiada pelo governo federal conseguiu tirar Franco Rabelo do poder local. É interessante notar e perceber no texto de Rachel as tensões que precedem esse conflito popular tanto em seu texto teatral quanto na história real dos fatos narrados e descritos na obra como também o desempenho desses populares armados apenas pela fé e suas palavras conseguiram mobilizar multidões e ir em luta, assim como também foram possível em outras revoltas e levantes populares do período como: Na Guerra de Canudos (1896 -1897) e na Guerra do Contestado (1912 -1916) revoltas de caráter messiânicos.

“CABO Tenente, Deus que me perdoe, mas que é Franco Rabelo para obrigar a sujeição um santo - e que santo! Meu Padrinho Padre Cícero!

TENENTE Franco Rabelo é governo, e basta, Cabo Lucas. E só o Governo é que tem direito de mandar no povo.

CABO Ele pode ter o direito. Mas na hora de arranjar soldados, só arranja à força, e ainda por cima pagando! Já o Padre, basta levantar a voz, acode mil ou dez mil. E o senhor já viu quem briga alugado derrotar quem luta de graça, só pela fé?

TENENTE Bem essa é a dificuldade. O Governo tem que recrutar, pagar, obrigar... Enquanto que, pelo Padre, é aquela cegueira.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

CABO (confidencial) Ouvi dizer que só daqui da cidade já tem mais de doze homens dispostos a acompanhar a Beata e irem acudir o Juazeiro!

TENENTE Eu sei muito bem quem são eles! (irritado) Mas só se saírem escondidos! E eles que não brinquem comigo, porque a primeira que eu prendo é a tal Beata!

CABO Tenente, não diga uma coisa dessas. A Beata é santa mesmo, não é abuso do povo! Faz milagres, com a graça de Deus! Eu mesmo não vi, mas teve quem me contasse.”

(A Beata Maria do Egito.Rachel de Queiroz.1958.)

O messianismo consiste, de forma geral em uma espécie de movimento e na crença em um messias, figura enviada por Deus para guiar os homens nos momentos difíceis e salvá-los das grandes tragédias. Aqui nos é apresentado duas dessas figuras o Padre Cícero que já é considerado pela maioria da população do nordeste um santo e ainda são atribuído a figura do Padre inúmeros milagres o que reforça ainda mais sua posição em quanto santo e enviado de Deus e a fala do Cabo Lucas nos demonstra claramente isso; Como também quebrando todos as regras de gênero a Beata que pretende conduzir o os romeiros a irem até a cidade Santa do Juazeiro: “ Todo mundo sabe, quem dirá o delegado. Mas a verdade não faz medo a quem teme a Deus. Nós vamos acudir o Santo do Juazeiro, que está cercado pelos hereges rabelistas.” Apesar de ser mulher e da sua conduta e condição em quanto mesma ela também se auto intitula não como santa, mas sim como uma enviada para guiar o povo para acudir o santo: “Não sou santa. Mas escuto a voz dos santos.Santo, só meu Deus do Céu e meu Padrinho no Juazeiro.”E assim temos dois supostos messias, uma peregrinação a uma terra santa no caso a famosa cidade do Juazeiro que como descreve o Cabo: “(...) O povo é que leva gosto ajudar os defensores do Juazeiro, que eles dizem que é a nova Jerusalém! “.E o Universo revoltoso e messiânico muito bem recriado pela literatura.

Coronelismo e Oligarquias Rurais

Não muito diferente de Canudos e Contestado, usando-se como base o levante popular que aconteceria alguns ano depois onde sertanejos e populares entre eles em sua maioria mulheres e crianças também fariam um cerco, cavariam valados e dessa vez se voltaria contra o governo, a favor do conhecido Padre Cícero em sua briga contra o governo do estado do Ceara no famoso movimento e levante popular denominado de “Sediação do Juazeiro”.

Beata Tenente, ao redor do Juazeiro são as mulheres e os meninos que estão cavando os valados e levantando as trincheiras. Aprontam as



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

cargas de pólvora, e endurecem as varas no fogo para fazerem os chuços. Até o Santo, quando sai do oratório onde passa a noite rezando, é correndo dum lado para outro dando unção aos moribundos ou abençoando os guerreiros.

Tenente O Juazeiro é muito grande; e, se é assim como diz, já deve haver gente de sobra por lá.

Beata Não, porque do lado de fora do valado os soldados do Anticristo são tantos que a terra parece amarela, com a cor das fardas deles. Até um canhão trouxeram! E querem beber o sangue do Santo, e dizem que vão degolar todos os romeiros. Velhos e mulheres serão sangrados; até menino novo será arrancado do peito de sua mãe! E, no fim, ainda juram que hão de arrasar e salgar a terra do Juazeiro, tal como fizeram e Canudos. Admira que Deus me chame para acudir?

Tenente Nada disso será feito! Mas ainda que fosse, a senhora acha que, com o seu magote de cabras, ia decidir a sorte do combate? Não sabe que todo dia estão chegando ao Iguatu os trens cheios de tropas? E o General Dantas Barreto prometeu mandar de Pernambuco dois mil soldados de linha!

Beata Deus dá a vitória a quem quer.
(A Beata Maria do Egito. Rachel de Queiroz. 1958.)

Na época o presidente Hermes da Fonseca (1910 - 1914) havia implantado à “Política das Salvações”: Levantes armados promovidos pelo governo que constituía na derrubada de oligarquias monolíticas governantes locais e substituí-las por outras. Franco Rabelo fazia parte desse movimento e seguindo as suas diretrizes iniciou as “salvações” no Cariri, principal reduto aciologista. Nessa região do estado, o velho oligarca tinha apoio do Padre Cícero e de vários coronéis e de muitos populares seguidores do Padre Cícero.

Tenente Está vendo? Faz de conta que isto aqui é a cidade do Juazeiro... (gesto circular) ... a casa do Padre Cícero fica mais ou menos aqui... e, aqui, a igreja das Dores...

Cabo Sim, senhor.

Tenente O valado foi aberto em toda a volta da cidade – por aqui... por aqui... Agora, a tropa da Polícia Estadual tem várias estradas para escolher. Mas naturalmente vem por esta... aqui... que é a principal.

Cabo A estrada real, como é chamada...

Tenente Isto. Alcançando a cidade, eles se espalham, fecham o cerco, e ficam esperando que o Padre se renda.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Cabo E será que eles têm gente para cercar o Juazeiro todo?

Tenente Falam em mais de mil, em dois mil... E ainda esperam tropa e armamento do Governo de Pernambuco.

(A Beata Maria do Egito.Rachel de Queiroz.1958.)

Os sertanejos que aderiram a revolta estavam dispostos a morrer lutando pelo Padre. E foi exatamente isso que aconteceu e em dezembro de 1913 começava a Sedição do Juazeiro, um conflito essencialmente oligárquico, mas com forte participação de populares. A participação dos populares se deu com os sertanejos lutando em nome da defesa do Padre Cícero e com os fortalezenses brigando pela manutenção de Franco Rabelo no poder, uma questão de existência para os mesmos, posto que, se Accioly retornasse ao poder, provavelmente os cidadãos da capital sofreriam com as já conhecidas arbitrariedades do oligarca.

TENENTE E o Governo ganhando, a senhora acredita mesmo que vão degolar o povo, matar o Padre e consumir com o Juazeiro? Ninguém é carniceiro, o Governo é gente direita, homens de estudo, pais de família, doutores, oficiais do Exército. O que eles querem é a ordem.

BEATA Ordem? Então o senhor tem boca para dizer que o santo faz desordem?

(...)

BEATA (vira-se rápido para o Coronel) Não, senhor, não estou em paz! Paz eu quero, mas só terei fora daqui!

CORONEL Engraçado, a Senhora dizer que quer paz! Então, por que não dá provas? A delegacia está cercada – e dizem os seus homens que vão tirar a senhora daqui a ferro e a fogo. Se procura a paz, se é santa como eles acreditam, por que não manda embora os seus bandidos?

BEATA São romeiros! Bandidos é quem não teme a Deus!

Pausa.

Coronel Chico Lopes, está escrito nas Tábuas da Lei: quem fere também será ferido. Deus é bom, mas, quando quer castigar, põe uma espada de fogo na mão de seus anjos. O senhor me chama de santa, com zombaria na boca... Não, eu não sou santa, mas escuto a voz dos santos! Tenho uma missão a cumprir. Quem armou os meus romeiros foi a fé na Mãe das Dores, protetora do Juazeiro!

(A Beata Maria do Egito.Rachel de Queiroz.1958.)



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

A Sedição começa quando as tropas estaduais de Franco Rabelo se dirigem para levar as “salvações” para Juazeiro, terra considerada santa pelos sertanejos. Chegou-se mesmo a se fazer um cerco da cidade, mas as tropas estaduais não conseguiram vencer os sertanejos e oligarcas opositores. Começou, partir de então, uma contra ofensiva onde os sediciosos passaram por várias cidades do interior cearense saqueando e destruindo até cercarem a capital Fortaleza. Em março de 1914 o Marechal Hermes da Fonseca interveio na política local depondo Franco Rabelo e empossando como presidente interino o General Setembrino de Carvalho.

Dessa forma e diante do que foi exposto, vimos que não só os personagens como também todo o contexto da obra, seja na íntegra ou por partes da mesma, através de recortes, fragmentos extraídos da obra literária a Beata Maria do Egito de Rachel de Queiroz, é repleta de passagens que recriam todo o universo do nosso período republicano, no que diz respeito em especial ao período que ficou conhecido como República velha ou república da espada. Recortes esses, conceitos, eixos, e ideias que podem ser extraídos e trabalhados por nós professores. Não apenas no que se refere ou reporta as lutas e levantes sociais.

Estão presentes nesta obra em suas palavras e também nas entrelinhas, debates e discussões que recriam como um todo o universo histórico desse período: A Primeira República - República das oligarquias (1894-1930) - Política dos governadores – Coronelismo – Messianismo – Cangaço, temas esses e conteúdos que são exigidos e encontram-se presente nos cronogramas e planos de ensino e estudos no dia a dia de nós educandos e professores em especial de história nas mais diversas escolas e salas de aulas.

Considerações Finais

Como vimos e percebemos durante toda a nossa pesquisa fica bem claro e salta aos nossos olhos que a leitura de obra literária em seus diversos gêneros e formatos produzidos em épocas e períodos diversos da nossa história pode se tornar um rico material didático a ser utilizado nas sala de aulas por professores não apenas de história. Esse trabalho também é possível ser realizado nas mais diversas disciplinas, assuntos e debates que venham a ser propostos por nós educadores ,saindo dessa forma do trivial triangulo: quadro,livro didático e caderno tão comum em nossas salas de aulas.

As obras literárias podem e devem ser utilizadas como um recurso que vai transformasse dessa maneira não apenas em uma fonte de conhecimento e pesquisa históricas, como também um material rico e incentivador na criação



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

do habito e gosto pela leitura tão precário e distante de nossos educandos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AMORA, Antonio Soares. Introdução à Teoria da Literatura. São Paulo: Clássico científico, 1964.

CAMPEDELLI, Samira Yourseff, Doutora em letras pela USP professora de língua portuguesa na escola de comunicação e Artes – USP.

DUARTE, Eduardo de Assis. Classe e gênero no romance de Rachel de Queiroz. In: _____. *Literatura, política, identidades*. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2005. p. 105-112.

HAHNER, June. E. *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

MONTEIRO, Duglas Teixeira (1977), "Um Confronto entre Juazeiro, Canudos e Contestado", in S. B. de Holanda (dir.), *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo III, vol. 2. Rio de Janeiro/São Paulo, DIFEL.

QUEIROZ, Rachel de. *Lampião*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953.

QUEIROZ, Rachel de. História de beata. *O Cruzeiro*, ano 31, n. 52, 10 out. 1959.

QUEIROZ, Rachel de. *A beata Maria do Egito*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

ZALUAR, Alba (1986), "Os Movimentos 'Messiânicos' Brasileiros: Uma Leitura", in Anpocs, *O Que se Deve Ler em Ciências Sociais no Brasil*. São Paulo, Cortez/Anpocs.